

## Uma narrativa de experiência comunicativa: um estudo de caso sobre as formas comunicativas praticadas por Narcóticos Anônimos<sup>26</sup>

Tamires Gomes da SILVA<sup>27</sup>

Marcella Schneider FARIA<sup>28</sup>

Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, São Paulo, SP

### Resumo

O artigo se propõe a uma reflexão acerca das práticas comunicativas utilizadas pela irmandade dos Narcóticos Anônimos, acentuando como a comunicação é utilizada pelo grupo para praticar seu programa de recuperação que é pautado pela experiência narrada nas reuniões e transmitida pelo corpo dos presentes. Trata-se de uma discussão que busca apresentar o *corpo* como perspectiva fundamental para construção e expansão, sendo a narrativa responsável pelo formato exercido pelos Narcóticos Anônimos.

**Palavras-chave:** Narcóticos Anônimos; Narrativa; Experiência comunicativa; Corpo Mediador; Comunicação.

### 1 O Programa de Narcóticos Anônimos

NA (sigla para Narcóticos Anônimos) é uma irmandade anônima mundial que nasceu na Califórnia (EUA) em 1953, e que tem como objeto o tratamento de pessoas que tenham problema com drogas. Surgiu da divisão de outra irmandade, também mundial, os Alcoólicos Anônimos, a qual desenvolveu o programa dos *12 passos*,

---

<sup>26</sup>Artigo resultante da pesquisa para monografia homônima de conclusão de curso de RTVI da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação.

<sup>27</sup>Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em RTVI pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, email: [tamersandre@gmail.com](mailto:tamersandre@gmail.com)

<sup>28</sup>Orientadora do trabalho. Professora nos cursos de Comunicação da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, e-mail: [marcellafaria@gmail.com](mailto:marcellafaria@gmail.com)

posteriormente foi alterado pelos NA para melhor adequar às suas necessidades terapêuticas.

O programa dos Narcóticos Anônimos é pensado de modo simples: o sujeito não necessita de muitas premissas para iniciar sua recuperação, notório para quem não o segue, pois, segundo a irmandade, ficar abstenho de drogas não é uma tarefa fácil, porém, independente do processo individual que tende a ser complexo, o programa em si é perceptivelmente descomplicado.

NA é uma irmandade ou sociedade sem fins lucrativos, de homens e mulheres para quem as drogas se tornaram um problema maior. Somos adictos em recuperação, que nos reunimos regularmente para ajudarmos uns aos outros a nos mantermos limpos. Este é um programa de total abstinência de todas as drogas. [...] Nosso programa é um conjunto de princípios escritos de uma maneira tão simples, que podemos segui-los nas nossas vidas diárias. O mais importante é que eles funcionam. (TEXTOBÁSICO, 2015, p.10)

O programa não se restringe somente aos doze passos, em suma, sua totalidade ocorre pela junção de conceitos, passos e *tradições*. Ninguém paga mensalidade, ou taxas para se tornar membro de NA; a dor segundo o grupo já foi um preço alto, e esse valor não foi pago individualmente, já que a adicção não causa danos somente a quem faz o uso de drogas, mas se estende ao de convivência do indivíduo. Narcóticos Anônimos seguem seus conceitos, tradições e passos fundamentados na experiência vivenciada pelos membros mais antigos que ajudam a trilhar a história da irmandade por meio da experiência coletiva.

Narcóticos Anônimos tem muitos anos de experiência com, literalmente, centenas de milhares de adictos. Esta experiência direta em todas as fases da doença e da recuperação é de um valor terapêutico sem paralelo. Estamos aqui para compartilhar livremente com qualquer adicto que queira se recuperar[...] Encontramos esperança através das experiências compartilhadas livremente. Se o programa funcionava para elas, funcionaria para nós. (TEXTO BÁSICO, 2015, p.11)

Dentro da perspectiva dos membros, a mensagem de recuperação de NA é o que torna o programa realmente eficaz, e esse feito é atribuído pela experiência dos membros, isto é, eles se utilizam de ferramentas (o programa), que os auxiliam no processo de recuperação do início ao fim. Outra parte de importante concepção são os *custódios*<sup>29</sup>, que é utilizado como base para tudo o que NA faz.

Entretanto, para o programa ser vivenciado, fazem-se necessárias as reuniões, pois são nelas que as histórias individuais são partilhas para todos os presentes: “Observamos, escutamos e percebemos que eles encontraram uma maneira de viver e desfrutar a vida sem drogas” (TEXTO BÁSICO, 2015, p. 12). Até o lançamento da edição revisada do *Texto Básico*, a literatura de NA se restringia a basicamente responder algumas perguntas como: o que é a doença da adicção, quem é um adicto, o que é o Programa de Narcóticos Anônimos, e como acontece a recuperação; todavia, para partilhar suas experiências os membros precisam se deslocar para alguma reunião, porque a partilha que é a base oral da recuperação só acontece dentro de uma reunião, onde o membro senta e tem um tempo para expressar verbalmente suas conquistas, medos e aflições.

## **2 A importância da literatura de Narcóticos Anônimos**

Benjamin (1933), a respeito da experiência, do contar, expõe que a modernidade diminuiu a experiência coletiva, pois, tudo aquilo que outrora era passado de boca a boca, e que se aprendia ouvindo, não se se presentifica no espaço de sociedade estruturada para a técnica, como é o caso contemporâneo.

No contexto benjaminiano, a forma de experiência coletiva, precisava de uma série de regras sociais para existir, de certa forma, necessitava de uma troca entre o

---

<sup>29</sup>O *Quadro de custódios* de Narcóticos Anônimos é um conselho interno do escritório mundial. A cada pauta discutida por esse conselho é publicada um parecer que é nomeado como custódios. Tudo dentro da irmandade é pautada dentro desses escritos, o formato de uma reunião dá a partir de um custódio, se uma literatura é ou não oficial, revisão de literatura, opiniões do conselho sobre questões alheias, tudo é passado pelo escritório mundial e respondido por esses custódios.

individual e o coletivo. Em *O Narrador* (2012), Benjamin aponta que esse tipo de troca está em extinção, e a modernidade é a grande responsável por este fato, compreendendo que a informação e o romance são técnicas oriundas da era moderna, portanto, cabendo a estas condições a ordenação do modo da partilha do saber.

As formas da experiência rigorosamente comunitárias (primitivas) passavam necessariamente pelo rito – conjunto de gestos, expressões, sentimentos e ações – que enquadra as maneiras de expressão individual numa rede de significantes coletivos (modos de contar, hábitos, modos de produzir), parte de um grande esquema nos quais são adestrados os impulsos individuais. (MEINERZ, 2008, p.15)

O grande impacto da experiência ocorre por conta dessa nova configuração social moderna, que otimiza as pessoas serem centradas em si, em seu próprio mundo, em que cada um pode viver da forma que quiser, desvinculando-se do todo (o coletivo), a experiência corporal vivida presencialmente, aprendido e repassado de pessoa para pessoa, entra em crise.

Narcóticos Anônimos retoma essa forma de experiência coletiva, dentro de uma sociedade moderna, e para além de construir experiência coletiva; NA mantém a forma de repassar conhecimento e aprendizado a partir dos relatos fundados da experiência de seus membros.

Sua literatura escrita – sistematização da experiência oral – funciona também como um meio de aprendizado teórico, que tem como objetivo criar em seus membros uma postura questionadora sobre suas condições e ideais, percebendo que os passos são a forma do sujeito entrar em contato consigo, isto é, seria uma forma de resgatar a reflexão que vai além da fala. Por isso a literatura alimenta o sistema e a narrativa oral; motiva a oralidade ao ser lido aquilo que é fruto do mesmo processo. Um relato de sucesso legitima os passos, os métodos de NA e a literatura legitimam o relato individual, porque se alguém conseguiu é porque há uma importância na estrutura e no método

exercido pela irmandade. Portanto, esse aprendizado realizado por meio da literatura e dos relatos dentro da reunião são método exercido pela irmandade.

Mesmo que a irmandade defenda na sua *Segunda Tradição* “Para o nosso propósito comum existe apenas uma única autoridade – um Deus amoroso que pode se expressar na nossa consciência coletiva”, podemos perceber que a autoridade dentro de NA são as próprias Tradições e Conceitos constituídos historicamente, pois são através delas que o grupo continua seguindo suas diretrizes, e estruturada da forma que é. A experiência de NA é apresentada, relatada, narrada e repassada aos membros de duas formas: a primeira, a reunião que é considerada o pilar mais importante da recuperação, e a segunda, a própria literatura que deve ser de conhecimento de todos os participantes do grupo.

### **3 As reuniões**

Estima-se que aconteçam mais de 63.000<sup>30</sup> reuniões de Narcóticos Anônimos por semana no mundo, NA está presente em 132 países e seu programa de recuperação é falado em 77 línguas.

Nossas reuniões são um processo de identificação, esperança e partilha. O coração de N.A pulsa quando dois adictos compartilham sua recuperação. O que nós fazemos torna-se real quando nós o compartilhamos. Isso acontece em maior escala nas nossas reuniões regulares. Uma reunião acontece quando dois ou mais adictos se encontram para se ajudarem mutuamente a se manterem limpos. (TEXTO BÁSICO, 2015, p.13)

As reuniões de NA podem acontecer quase em qualquer lugar, normalmente; os grupos priorizam se encontrar em locais de fácil acesso, para que possam se encontrar regularmente. Frequentemente são locais dirigidos por órgãos públicos, organizações religiosas ou salas comerciais alugadas a um preço que preencham as necessidades do

---

<sup>30</sup> Dados retirados o Texto Básico de Narcóticos Anônimos edição 2015.

grupo; ainda que esses locais queiram doar espaço de reuniões, isso não é permitido, pois a *Sétima Tradição* de Narcóticos Anônimos encorajam os grupos a serem autossustentados, pagando suas próprias despesas, inclusive aluguel.

Na maioria das vezes, os grupos de NA preferem se reunir em locais públicos por uma série de motivos, o próprio anonimato priva as reuniões de serem na casa de um membro, por exemplo, então as reuniões em locais não particulares intensificam a credibilidade da irmandade dentro da comunidade que ela é inserida, sem contar que a vida pública e privada do membro pode dificultar o grupo de ter a autonomia necessária.

Existem múltiplos formatos de reunião que um grupo pode utilizar. A maioria das reuniões duram cerca de uma hora e meia, no entanto, como já abordado, por terem autonomia, os grupos que possuem seu formato único de reuniões, com duração específica “no início da reunião, lemos literatura de NA, que se encontra à disposição de todos. Algumas reuniões têm oradores, temas para discussão ou ambos”. (TEXTO BÁSICO, 2015, p.13), dentro do livreto do Grupo existe um modelo de como são as reuniões: “Este exemplo [...] Ele é feito de forma que, se o grupo quiser, possa utilizá-lo como está. Entretanto, sinta-se à vontade para modificá-lo de acordo com as necessidades do seu grupo (LIVRETO DO GRUPO, 2009, p.24), geralmente esse modelo não é engessado, ou seja, cada grupo utiliza sua autonomia para fazer um determinado tipo de reunião, porém, o formato mais exercido pela irmandade são as reuniões de partilha, que são a base para todo o processo de recuperação dentro de NA, onde o coordenador abre para seus membros partilharem suas experiências ou qualquer assunto sobre a adicção e recuperação.

#### **4 O processo de experiência e narrativa em NA**

A experiência dentro de Narcóticos Anônimo consiste na experiência, e é pautada pela prática, portanto, NA precisa apresentar resultado de que seu programa funciona, e esse resultado seria o objetivo que a irmandade se propõe, que é o de fazer com que

seus membros se tornem abstenhos de todas as drogas, e que sejam membros produtivos da sociedade.

Quando os membros mais novos chegam a NA eles não estão habituados com tudo o que envolve ficar sem o consumo de drogas, mas com o passar do tempo, e a experiência dos membros mais antigos, vão sendo repassadas aos membros mais novos, que por sua vez, também vão construindo suas próprias experiências, e logo após, acabam, também, por auxiliar os membros que chegam depois deles. De certo modo em algum momento, a recuperação dos membros novos e antigos começam a ser uma via de mão dupla, cumprindo o que o *Texto Básico* (2015) diz: “somos adictos em recuperação, que nos reunimos regularmente para ajudarmos uns aos outros a nos mantermos limpos” (p.10). Essa identificação só é possível porque a narrativa unida do corpo e da voz como Sarlo (2005) defende, faz como que seja imediata a experiência que une todos os membros, porque as narrativas dos membros acabam sendo muito próximas, independente de quanto tempos esses membros façam parte da irmandade.

Benjamin explora em *O narrador* (2012), o declínio da experiência, e que a consequência disso resultaria na extinção dos narradores que repassam suas experiências através da narrativa. Em outro contexto, o narrador se mantém vivo dentro de NA, pois, é a forma e a base comunicativa utilizada pela irmandade, porque uma reunião só acontece com os membros narrando seu processo de recuperação, os desafios sem drogas, e o que se passa no cotidiano do adicto enquanto permanece no grupo.

Para Benjamin (2012) o narrador necessita tem algo para passar, porque os membros mais antigos repassam seus conhecimentos para os membros mais novos, papel que Benjamin revela como sendo do narrador, porém, a narrativa sozinha não conseguiria cumprir tudo que NA se propõe, porque a presença também se faz necessária, e para isso, entra em cena o corpo, que por conta de sua imediatibilidade, permite que a narrativa seja imediatamente repassada, daí a importância da presença,

porque se mediássemos o corpo do adicto, perderíamos a instantaneidade da sua experiência, que serve de exemplo para os outros membros; o corpo se apresenta como o meio de transportar essa mensagem.

O corpo vem sendo estudado por diversas abordagens teóricas, Baitello (2010) busca trazer o corpo para o contexto midiático, e o corpo é apresentado como mídia. Em Baitello há três modos de mediações que permeiam sua discussão acerca de uma nova teoria da mídia defendida pelo autor. E então:

Na comunicação primária, os participantes não contam com outros recursos senão aqueles que seu próprio corpo possui (os sons e ruídos naturais, os gestos e a aparência, os odores naturais). Sua principal característica é a presença imediata dos corpos no mesmo tempo e no mesmo espaço, por isso é chamada de comunicação presencial. (BAITELLO, 2010, p.62)

Baitello leva adiante reflexões sobre os estudos sobre comunicação tendo por referência o conceito de mídia primária de Hanry Pross. Pross em 1970 propôs algumas tipologias; essas tipologias são a mídia primária, secundária e terciária, e o que vale destaque é justamente seu pensamento expansivo da mídia, que ele não a compreende apenas os meios de massa “não apenas os meios de massa e os protomeios de massa, mas também os meios de comunicação interpessoal como a oralidade” (BAITELLO, 2010, p.63).

NA acontece por consequência da presença dos membros, no mesmo tempo e espaço narrando suas histórias (corpo e voz), mas esse processo não se consiste somente nestes desses dois pontos; a irmandade tem uma estrutura que não depende apenas da presença e oralidade, existem outras complexidades inclusas nesse processo, mas que são decorrentes da presença e da oralidade, que seriam a narrativa, a experiência que juntas compõem o que é necessário para a formação da literatura.

O que é visível neste tipo de comunicação é que entre o polo emissor e o polo receptor existe uma imediatibilidade, e essa

possibilidade é possível por conta da presença, “toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual encontram cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo, toda comunicação humana retorná a este ponto” (PROSS, apud BAITELLO, 1971, p.127).

Sarlo (2005) explora conceitos para o entendimento da importância do relato, visto que, para a autora o relato é fundamental para a interpretação da história, e além disso, a construção do relato acessa os campos mais profundos do pensamento, e das lembranças do sujeito, fazendo-o entrar em contato com a própria história.

O corpo é o transportador de NA, e a mensagem continua sendo repassada pois, o armazenamento dela acontece nos próprios membros, ou seja, a mensagem só morre quando o corpo morrer, enquanto o corpo existir, a mensagem poderá ser repassada.

Narcóticos Anônimos tem uma vasta estrutura, vários subcomitês, esta estrutura é alimentada pelas reuniões de base, pois, o processo de recuperação dá-se nesta (e desde esta) experiência coletiva; é lá o local onde a narrativa acontece, é repassada para os membros, e é também nas reuniões que são construídas as experiências coletivas.

De uma forma ou de outra todo membro de NA tem que passar por alguma reunião, mas as responsabilidades por trás das reuniões são apenas atribuídas aos membros antigos, porque o membro novo não possui ainda experiência suficiente sobre a recuperação para passar, sendo de responsabilidade dos membros mais velhos ajudarem esse membro se orientar dentro das diretrizes da irmandade, outro ponto é que os membros novos têm apenas uma única responsabilidade quando entram, que é ficar limpo, algo bem complexo no início, portanto entrar na complexidade de NA talvez não auxilie a recuperação.

De qualquer forma, uma coisa é clara, enquanto seus membros continuarem narrando suas histórias dentro das reuniões Narcóticos Anônimos seguirá crescendo,

porque as diretrizes e a forma que a irmandade se organiza possibilita que os membros fiquem cada vez mais experientes dentro do processo de recuperação, e cada vez mais responsáveis por continuar levando a mensagem de NA.

### **Considerações finais**

Nossos costumes, conhecimentos e tradições na maioria das vezes chegam até nós por outros meios, e não necessariamente por meios audiovisuais. Estamos tão habituados com os aparatos técnicos, que não percebemos as comunicações primárias, é óbvio que isso se caracteriza principalmente porque um novo modo de comunicação não anula o outro, porém é tão claro para nós essa junção de oralidade, escrita, hipertextos, tecnologia, que não as distinguimos uma da outra na contemporaneidade.

No sistema moderno de comunicação das sociedades ocidentais, seja baseado na transmissão oral ou na escrita, as informações eram simplesmente representadas, isto é, apresentadas ao receptor numa forma isenta de sua dinâmica ou de seu fluxo original, o que implica como principais recursos de linguagem a palavra e o conceito (SODRÉ, 2002, p.16).

Narcóticos Anônimos utiliza da oralidade em via dupla: o que se narra ao vivo, e o que se lê, fruto da oralidade.

Pensando na dinâmica das reuniões de NA, o narrador apresenta-se através do corpo dos membros, esse narrador que tem a função de trazer para os outros membros uma mensagem de força, fé e esperança, ou seja, todos são narradores, e todos são um corpo que unidos formam a experiência individual e coletiva da irmandade.

O papel do narrador tratado no contexto da obra de Benjamin é um narrador imaginado por alguém viajado, que vem de fora e conta as histórias de suas vivências. Em NA esse narrador é vivo, observado que, os membros mais antigos trazem suas experiências pessoais, que acabam servindo de exemplo para os membros que passam por situações semelhantes; Benjamin defende que o narrador é um homem que sabe dar

conselhos ao ouvinte, e essa relação só é possível por conta das experiências que os membros têm em comum.

A relação narrador e ouvinte têm grande valor para a irmandade de Narcóticos Anônimos, já que não existe divisão de um para com o outro, uma vez que dentro de uma reunião todos são narradores e ouvintes, essa configuração existe porque cada membro tem um tempo específico para partilhar, enquanto os outros membros ouvem em silêncio, e a utilidade dessa relação, que é o processo de fala e apropriação do que foi dito gere experiência, e essa possa ser vivenciada, ou ouvida dentro das reuniões.

Experiência é o que mantém a irmandade, porque o membro novo observa suas experiências na narrativa de outro membro que às vezes nem conhece sua história, então essa ligação permite credibilidade ao processo de recuperação, sem contar que a partir do momento que o sujeito se enxerga em outra pessoa que até então não fazia parte de sua rotina, faz com que ele busque trilhar todos os passos para também construir uma boa recuperação, pois, a experiência de um gera sabedoria que auxilia na recuperação do outro.

E assim, a narrativa se mantém com todas essas características dentro da irmandade, é como se todas as tradições e conceitos vivenciados por eles, os privassem das ameaças que a narrativa pela contemporaneidade se pensarmos a partir da visão pragmática de Benjamin em que argumenta que os aparatos técnicos da sociedade atual trouxeram declínio da experiência, que era adquirida, em suma, pela audição das narrativas das pessoas que tinham sabedoria Sarlo, por sua vez, compreende que a sociedade que é instantânea, rompeu as estruturas do tempo e espaço causaram um certo enfraquecimento do passado como fonte de aprendizado. O que podemos observar é que Narcóticos Anônimos não adentrou (sem negar as possibilidades contemporâneas) nas regras sociais; a oralidade é o alicerce daquilo que alimenta o grupo.

## Referências

BAITELLO, Norval Júnior. **A serpente, a maçã e o holograma**. São Paulo: Paulus, 2010

BAITELLO, Norval Júnior. O tempo lento e o espaço nulo: mídia primária, secundária e terciária. In: FAUSTO Neto Antônio et al. (Org). **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001

BENJAMIN, Walter. **O narrador. In: Magia e Técnica, arte e política**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza.. In: Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.

SARLO, Beatris. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_, Narcóticos Anônimos: Texto básico. ed. Brazilian, 1993

MEINERZ, ANDRÉIA: **Concepções de experiência em Walter Benjamin**. Tese (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.